

Publicado como:

Batoréo (2018). Aquisição/ aprendizagem da competência metafórica no contexto do Português Língua Não Materna: importância da reestruturação conceptual na expressão de emoções e valores. Capítulo III In: Barroso, Henrique (2018). *O Português na Casa do Mundo, Hoje*. Braga: Humus, Babelium Centro de Línguas/ Universidade do Minho, 53-79. ISBN: 9789897553486. <https://www.wook.pt/livro/o-portugues-na-casa-do-mundo-hoje-henrique-barroso/22006722>

Versão pré-final

Hanna J. Batoréo

(Universidade Aberta e CLUNL – Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa, Lisboa)¹

Aquisição/ aprendizagem da competência metafórica no contexto do Português Língua Não Materna: importância da reestruturação conceptual na expressão de emoções e valores

Resumo:

No presente texto, desenvolvido no enquadramento da Linguística Cognitiva, pretende discutir-se a noção de *competência metafórica* (Aleshtar & Dowlatbadi 2014: 1895; cf. Batoréo 2015), no contexto específico da aquisição e aprendizagem do Português como Língua Não-Materna (PLNM). Defende-se que quem aprende uma língua nova deve fazê-lo de um modo *conceptualmente adequado*, adquirindo *consciência metafórica*, se o objectivo é comunicar com os outros, usando linguagem figurada, tal como acontece no dia-a-dia entre os falantes nativos (Gibbs 1994).

Defende-se, também, que a investigação na área não se pode limitar ao estudo restrito da Linguagem, abrangendo antes a interacção entre as componentes do trinómio Cognição – Linguagem – Cultura. Esta interacção implica *incorporação (embodiment)*, ou seja a conceptualização do mundo que é feita através do nosso corpo, assim como das experiências corporais e actividades efectuadas pelo Homem, mediadas pela cultura em que esta experiência se enquadra, dando, deste modo, origem à *incorporação física e cultural*. Como as culturas diferem entre si, as emoções ou os valores são conceptualizados em partes de corpo diferentes para veicular e projectar no processo de mapeamento emoções ou valores análogos (cf. Yu 2003, 2007, 2009; Batoréo 2017a, 2017b, 2018, no prelo). Conhecer e aprender como este processo se desenvolve num idioma diferente da nossa língua materna obriga ao falante não-nativo a *reestruturar-se conceptualmente* (Yu 2007), e garante um processo mais motivado (cf. Boers 2001, Boers *et al.* 2004, 2007), tendo como objectivo comunicar de um modo figurado e utilizar linguagem igualmente figurada na língua não-nativa. Para ilustrar os fenómenos, serão utilizados exemplos de Português Europeu, Inglês, Polaco e Chinês.

Palavras-chave: (i) Competência metafórica; (ii) linguagem figurada na expressão de emoções; (iii) Linguística Cognitiva; (iv) reestruturação conceptual; (v) aquisição/ aprendizagem de Português língua não-materna (PLNM).

Abstract:

In the present paper we discuss the notion of *metaphorical competence* (Aleshtar & Dowlatbadi 2014: 1895; cf. Batoréo 2015) in context of acquisition and learning of Portuguese as a non-native language. This competence goes beyond other competences, such as communicative or linguistic, which implies that a speaker should not only be linguistically and communicatively appropriate but also *conceptually appropriate and metaphorically aware* in

¹ Endereço para correspondência: Hanna.Batoreo@uab.pt

order to communicate figuratively (cf. Gibbs 1994) and acquire figurative language. Figurative language is thus understood to be (at least, partially) motivated, and object of (partially) insightful learning (cf. Boers 2001, Boers *et al.* 2004, 2007).

Based on previous studies developed in Cognitive Linguistics we defend that research in the area should be centred not exclusively on Language but on interaction in a triangle Cognition – Language – Culture. This interaction is *embodied*, which means the way we conceptualise the world is based on body and bodily experience mediated by culture, giving origin to *physiological* and/or *cultural embodiment*. This means different cultures map different organs – such as heart or gallbladder – into different emotions and values (cf. Yu 2003, 2007, 2009; Batoréo 2017a, b, forthcoming). Understanding this process *restructures* the speaker *cognitively* (Yu 2007) and makes him/her more motivated in order to communicate figuratively. We illustrate these phenomena with examples from European Portuguese, English, Polish and Chinese.

Key words: (i) metaphorical competence; (ii) figurative language in expression of emotions; (iii) Cognitive Linguistics; (iv) conceptual restructuring; (v) acquisition and learning of Portuguese as a non-native language.

1. Introdução²

O presente estudo encontra-se no cruzamento de duas grandes áreas científicas: a Linguística Cognitiva (cf. Croft & Cruise 2004), que opera no triângulo de interacção Cognição – Linguagem – Cultura, por um lado, e, por outro, a Aquisição da Linguagem (cf. Sim-Sim 1998), entendida como uma sub-área da Psicolinguística, focando os processos envolvidos na aquisição e aprendizagem de línguas particulares pelos falantes não-nativos e, no nosso caso específico, a do Português Língua Não-Materna – PLNM.

Tradicionalmente, a investigação feita na área da Aquisição e Desenvolvimento da Linguagem foca a competência linguística e as respectivas componentes, tais como a competência sintáctica, lexical ou fonológica. Nas últimas décadas – e por influência da importância ganha pela competência comunicativa –, o foco do estudo linguístico tem privilegiado não tanto o sistema de um dado idioma, mas, antes, o uso autêntico da língua do dia-a-dia, o que permitiu acrescentar a competências fundamentais já antes estudadas ainda algumas outras, tais como a competência pragmática, discursiva, textual ou narrativa.

No entanto, foi só com o advento da Linguística Cognitiva com a sua obra seminal de 1980, *Metaphors we live by*, da autoria de Lakoff e Johnson, que se começou a entender que

² O presente texto segue a grafia antiga.

a linguagem figurada faz parte indissociável do nosso dia-a-dia e que, para nos exprimirmos em contextos concretos, optamos pelo modo metafórico em detrimento da linguagem literal (Gibbs 1994). Assim, por exemplo, quando estamos tão cansados que não conseguimos pensar de um modo criativo ou sequer minimamente organizado e em que tudo se parece estar a diluir no nosso pensamento em vez de se estruturar, será mais natural dizer, em Português, ‘*tenho a cabeça em água*’ do que referir este estado de incapacidade e desestruturação de um modo literal. Se, por outro lado, sentimos, por exemplo, fome e parece que a hora do almoço nunca mais chega, a necessidade de comunicação eficaz leva-nos a comentar ‘*tenho a barriga a dar horas*’ em vez de referir uma simples necessidade de matar a fome. Estas expressões metafóricas, além de nos darem informação sobre os factos concretos da nossa vida, transmitem as emoções com eles relacionadas, garantindo, assim, criação de uma ponte comunicativa na linguagem-em-uso, estabelecendo uma ligação emocional com o Alocutário envolvido na interacção verbal e partilhando com ele sensações em que o seu corpo se encontra envolvido.

Tal como os exemplos em cima demonstram e tendo em consideração a prática quotidiana do uso da linguagem metafórica, entendemos que o falante precisa de dispor de *competência metafórica* (Danesi, 1992, 1993 e 1995), servindo-se de *linguagem figurada* específica. Entendemos, por conseguinte, que o falante não-nativo do Português precisa de compreender e, também, aprender que “a cabeça fica em água”, quando alguém não consegue pensar mais de um modo organizado e coeso e que a sua “barriga dá horas”, quando sente necessidade de comer, porque é neste modo emocional e imaginativo que os portugueses transmitem as suas necessidades, emoções e partilhas culturais diárias na linguagem-em-uso.

O conhecimento de outras culturas e de outras línguas permite-nos averiguar que no que se refere à expressão de emoções, à defesa de valores ou à referenciação de entidades abstractas, em contextos análogos, os falantes de idiomas diferentes utilizam com frequência conceptualizações e expressões distintas a elas correspondentes. Apesar de as línguas, em regra,

partirem das partes do corpo humano ou das experiências corporais para o exprimir – dando origem ao fenómeno conhecido na Linguística Cognitiva por *corporização* (*embodiment*, em Inglês) –, os idiomas diferentes da nossa língua materna podem privilegiar mais *outras* partes do corpo e/ou *outras* experiências corporais do que faz a nossa conceptualização, porque a sua cultura assim o determina. Por conseguinte, ganhar competência(s) numa língua nova implica compreender, primeiro, e aprender, depois, quais são as partes do corpo e quais as experiências corporais que uma dada língua privilegia na conceptualização do mundo pela criação de metáforas e no uso da linguagem figurada da comunicação diária, isto é, ganhar a respectiva *competência metafórica*.

Assim, por exemplo, um falante do PLNM cuja língua materna seja o Polaco que pretende referir-se à situação análoga à da portuguesa ‘*tenho a cabeça em água*’, vai utilizar, na sua língua materna, a expressão ‘*mózg mi stoi*’, que traduzido à letra significa “o (meu) cérebro está em pé”, utilizando uma conceptualização com foco no cérebro, que se encontra em estado de rigidez e inoperacionalidade, que não lhe permite trabalhar com qualidade. Se este falante não possuir competência metafórica no PLNM, mesmo tendo um bom nível de proficiência linguística ao nível sintáctico, lexical ou mesmo discursivo, a sua tendência natural será exprimir o cansaço intelectual pela rigidez do cérebro imaginando-o em posição vertical (como o faz em Polaco) e não pela imagem da diluição da cabeça em água (como fazem falantes nativos do Português). Acabará, deste modo, por utilizar a sua conceptualização nativa revestida de palavras portuguesas, dizendo, por exemplo, *?’*tenho o cérebro em pé*’, isto é, construindo um enunciado correcto do ponto de vista gramatical do Português, mas estranho ou duvidoso do ponto de vista pragmático, mesmo que seja (parcialmente) entendido. Com a comunicação eventualmente assegurada pela proximidade das imagens mentais nas duas línguas (entre a cabeça e o cérebro, por um lado, e a inoperacionalidade intelectual causada pela rigidez vertical ou diluição em água, por outro), a mensagem resultará estranha e até inaceitável porque alheia

ao modo de conceptualização utilizado por meio de uma expressão fixa, típica do Português corrente.

Quando o falante aprende uma língua nova, é indispensável não só que tenha conhecimento de construções e expressões de um sistema diferente do da sua língua materna, mas que perceba, sobretudo, como elas são conceptualizadas na cultura de um povo diferente pela sua tradição e pelos séculos da sua história, procurando *reestruturar-se cognitivamente* e não apenas revestir os conceitos de uma língua particular com as construções linguísticas e material lexical da outra.

Defendemos, por conseguinte, que a competência metafórica, sendo ancorada culturalmente, desempenha um papel fundamental na aquisição da linguagem, assim como determina a proficiência, fluência e adequação linguísticas dos falantes das línguas não-maternas. Por conseguinte, a competência metafórica, ao lado das outras competências – comunicativa e linguística(s), já largamente reconhecidas ao nível do ensino das línguas, – constitui um dos fundamentos a ter em conta na aquisição/ aprendizagem das línguas novas, isto é, por exemplo, na área das competências do Português Língua Não-Materna.

O presente estudo divide-se em quatro secções: (1) introdução; (2) enquadramento teórico: competência metafórica e importância da reestruturação conceptual no caso da aquisição das línguas novas; (3) exemplos de corporização (*embodiment*) que veiculam a linguagem metafórica em línguas diferentes e (4) discussão e considerações finais.

2. Enquadramento teórico: competência metafórica e importância da reestruturação conceptual no caso da aquisição das línguas novas (não nativas)

Conforme definida nos últimos anos, tanto a Linguística Cognitiva (cf. Croft & Cruise

2004) como a Linguística Cultural (Palmer & Sharifian, 2007; Sharifian & Palmer 2007; Sharifian *et al.* 2008; Yu 2009; Sharifian 2011), que nela se fundamenta, têm vindo a dedicar-se ao modo como as línguas naturais reflectem e “corporizam” as culturas que veiculam (cf. Batoréo 2015: 105-111). Com o termo *corporização (embodiment³)*, a Linguística Cognitiva defende que a experiência humana mais básica, que se estabelece *a partir do nosso corpo* (biológico), bem como a partir das experiências por ele veiculadas, fornece as bases para os sistemas conceptuais e determina o modo como percebemos, conceptualizamos e verbalizamos o mundo.

A partir do estudo de Lakoff e Johnson (1980), a metáfora, antes vista como artefacto meramente literário e retórico, passou a ser encarada e analisada enquanto mecanismo cognitivo da linguagem de todos os dias, através do qual o ser humano recorre conceptualmente a realidades mais imediatas, de carácter concreto, como, por exemplo, às partes do seu corpo, os objectos do seu quotidiano ou alguns fenómenos naturais, utilizando-os como o *Domínio de Origem* da projecção metafórica, a partir do qual se estabelecem “mapeamentos” para realidades mais abstractas e menos tangíveis, que passam a funcionar como o *Domínio Alvo* da projecção. Esta projecção efectuada entre dois domínios cognitivos – Origem e Alvo – define o fenómeno da metáfora conceptual. No entanto, na investigação subsequente ao estudo de Lakoff e Johnson (1980), e sobretudo a partir de 1985, o termo *metáfora* ganhou um significado mais abrangente, englobando todos os outros fenómenos subjacentes à conceptualização da linguagem figurada⁴.

Many books have been written about metaphor, but *Metaphor We Live By* by George Lakoff and Mark Johnson in 1980 was a first attempt to systematically challenge all the aspects of the traditional view (...). Indeed, in the conceptual metaphor theory, sometimes called the cognitive metaphor theory, the fundamental principle is the primacy of thought over language, i.e., metaphor is a cognitive rather than a linguistic phenomenon. Lakoff and Turner (1989) claim that metaphors have entailments that organize our experience and create necessary realities. They show this by simply taking concepts apart linguistically and revealing their underlying metaphorical structure (...).

³ Em Português, convencionou-se traduzir este termo por *corporificação* ou *corporização*.

⁴ “Since 1985, the term *metaphor* has been used to refer to the all figurative language and the other aspects are considered as particular kinds of metaphor (Danesi 2003).” (Shirasi & Talebinezhad 2013: 136).

(Aleshtar & Dowlatbadi 2014: 1896).

Se o mundo é corporizado em função da nossa vivência e experiência, ele é também por ela perspectivado e conceptualizado, sendo que esta conceptualização não é individual e subjectiva, mas é enraizada, partilhada e orientada culturalmente. A conceptualização cultural determina, por conseguinte, os instrumentos explicativos de que dispomos para dar conta da estrutura da linguagem e das línguas (Sharifian 2010: 3368)⁵. Neste sentido, defende-se – sobretudo no âmbito da Linguística Cultural – que a linguagem tanto serve para depositar e armazenar a cognição cultural como para a comunicar e partilhar com os outros (Sharifian 2015: 473)⁶.

Na investigação desenvolvida no âmbito da Linguística Cognitiva (Kövecses 1990, Kövecses 2005), e apesar da conhecida ubiquidade da metáfora O CORPO É O CONTENTOR DAS EMOÇÕES, os trabalhos desenvolvidos, por exemplo, por Yu 2003, 2007 2009 ou Batoréo (2015, 2017 a, b e 2018, no prelo) demonstram que as línguas diferentes conceptualizam as emoções também de modos diferentes. Assim sendo, a experiência que temos do nosso corpo indica apenas de forma genérica a orientação da construção das metáforas emocionais. No entanto, a relação que uma dada língua faz de certos órgãos (e não dos outros), conceptualizando-os como contentores das diferentes emoções, é determinada pelos modelos culturais que os falantes de uma comunidade linguística e cultural partilham e transmitem de geração em geração, por exemplo, no tipo de pensamento figurado (Gibbs 2008, Gibbs & Colston 2012) e também de linguagem figurada (cf. Dancygier & Sweetser 2012) que utilizam.

⁵ “[...] [M]any morphosyntactic features of human languages reflect culturally-driven conceptualisations and, therefore, a theory of language structure needs to employ cultural conceptualizations as an explanatory tool in accounting for the structure of the human language. Culture of course does not only feed into the morphosyntactic component but also forms and informs all aspects of language content and structure. Theories of language therefore need to take into account the role of cultural conceptualization in carving and constructing all levels of language from lexicon to semantic and pragmatic meanings.” (Sharifian 2010: 3368).

⁶ “Historical cultural practices leave traces in current linguistic practice, some of which are in fossilized forms that may no longer be analyzable. In this sense language can be viewed as storing and communicating cultural cognition. (...) Language acts both as a memory bank and a fluid vehicle for the (re-)transmission of culture.” (Sharifian 2015: 473).

Os estudos desenvolvidos na área da aquisição da linguagem e, muito especialmente, os da área da aquisição e aprendizagem das línguas não-maternas (línguas segundas e estrangeiras) têm vindo, ao longo dos anos, para a necessidade de a capacidade de conhecer e usar as metáforas típicas de uma língua ser considerada um requisito indispensável para o seu domínio (desejavelmente) nativo⁷. A par das competências já antes estudadas – linguística(s) e comunicativa –, criaram-se, assim, os fundamentos para defender a importância da *competência metafórica* e o da *fluência conceptual*⁸. O primeiro destes conceitos – o da *competência metafórica* – é muito abrangente⁹ e costuma ser utilizado para referir as capacidades que o falante tem para perceber e produzir metáforas, entendidas no seu sentido mais vasto, ou seja, como mecanismos cognitivos subjacentes à linguagem figurada (cf. Boers

⁷ “Learning a second or foreign language (FL) is a difficult and laborious work. Being conceptually appropriate in a second language (L2) cannot be easy. Studies of metaphor have recently impacted the field of L2 acquisition in a number of ways. The present study relates to the hot debates that may be involved in the improving SLA and in programming speech of EFL learners in metaphorical ways which is an integral trait of native-speakers’ competence.” (Aleshtar & Dowlatabadi, 2014: 1895).

“In second language domain, emphasis is usually placed on grammatical or communicative competence to improve learners’ proficiency in the target language (Danesi, 1988). As the third competence, MC, following Chomsky’s linguistic competence and Hymes’ communicative competence (1972), has aroused the interest of a number of L2 researchers (e.g. Gardner and Winner, 1978; Low, 1988; Danesi, 1993; Littlemore; 2001a; Littlemore & Low, 2006) leading the front is Danesi (1992) who states that MC functions as a beneficial supplement for the previous two competences and states metaphors and idioms should not be ignored in L2 curricula any more since they hinder L2 learners from reaching a native like production.” (Aleshtar & Dowlatabadi, 2014: 1897).

⁸ “A subject matter in the study of SLA in recent years is the extent to which learners of an L2 learn how to express themselves in the target language using figurative speech going with the culture. Danesi (1986, 1992) has called this a neglected dimension in L2 teaching. Gibbs (1994), in investigating the psycholinguistic cases on figurative language, explains that in proper contexts people mostly use the metaphorical asset of a message rather than its literal meaning. Therefore, metaphors are feature of communicative interaction (cited in Lantolf & Thorne 2006, p.113). Danesi (1994) has made the term “Conceptual Fluency” to describe the ability of speaker to tap effectively into the cultural and linguistic reservoir of verbal images. So, being *conceptually fluent* in a language means to know how that language contemplates or illustrates its concepts based on the metaphorical structuring.” (Shirasi & Talebinezhad 2013: 136).

⁹ “Metaphorical competence is an umbrella term which has been used to refer to an individual’s ability in comprehension and production of metaphors (Danesi, 1993; Low, 1988; Littlemore; 2001b; Littlemore & Low, 2006). Roughly speaking, metaphorical competence includes the ability to detect the similarity between disparate domains and to use one domain to talk about or to understand something about another domain. MC is believed to consist of metaphor awareness, and strategies for comprehending and creating metaphors (Deignan, Gabrys, & Solska, 1997). Tóth (1999, cited in Berendi, 2005) makes an attempt at the definition of metaphorical competence. In his view it is a complex competence, which develops gradually, and is constantly changing. It is based on the appearance and continuous expansion of the range of conceptual metaphors. The notion of MC is discussed by Low (1988), in his article, in which the focus is on alerting learners to the presence and effects of conventional metaphors and pedagogical approaches in ELT contexts. In that same article, he attempted to set out a series of skills that learners need to master if they are to achieve real skill with an L2/FL as MC.” (Aleshtar *et al.* 2014: 1897).

2001, 2007; Boers *et al.* 2004; Aleshtar & Dowlatabadi 2014: 1895; Shirazi & Talebinezhad, 2013: 135).

Por conseguinte, a *competência metafórica* implica a capacidade de:

- (i) distinguir diferentes domínios conceptuais (que podem servir ora como a Origem ora como o Alvo da projecção metafórica);
- (ii) conseguir diferenciar o papel dos domínios em línguas diferentes;
- (iii) saber reconhecer a linguagem metafórica usada por comunidades linguísticas (tanto a linguagem convencional como a criativa), típicas de uma dada cultura, e procurar entender a sua (parcial) motivação na criação da linguagem figurada;
- (iv) saber construir e criar metáforas culturalmente enraizadas em culturas diferentes, utilizando expressões figuradas e/ou fixas;
- (v) estar disponível para a *reestruturação conceptual* que a competência metafórica numa língua nova exige.

A *fluência conceptual* refere-se, por sua vez, à capacidade que o falante de uma língua tem tanto para entender como para saber pôr a funcionar na prática linguística as imagens verbais típicas de uma dada sociedade e de uma dada cultura. Um *falante conceptualmente fluente* é, por conseguinte, alguém que conhece o modo como uma dada língua conceptualiza a realidade e como, para tal, cria redes de mecanismos cognitivos, a fim de as transmitir a nível linguístico.

Quando adquirimos e/ou aprendemos uma língua não-materna, precisamos de conhecer todo um sistema conceptual novo subjacente à produção linguística do idioma em aprendizagem e este processo só pode ser efectuado no âmbito do respectivo sistema cultural, sendo tanto a conceptualização como a respectiva cultura diferentes das da língua nativa do falante. Perante esta discrepância, que exige transformação conceptual, o falante precisa de *reestruturar-se cognitivamente* para uma nova realidade no âmbito do trinómio Cognição – Linguagem – Cultura:

“[O]ne’s first language, together with its underlying conceptual structure, is acquired within one’s own cultural system, but the learning of a second language involves conceptual restructuring. That is, second language acquisition takes place in the process of transforming into a new cultural system.”

(Yu 2007: 78).

Ignorar esta *reestruturação cognitiva* resulta, por regra, em aprendentes que *revestem* conceitos da sua língua materna em vocabulário e gramática da língua-alvo (cf. Danesi 1993), isto é, falam a língua B com material gramatical e lexical novo, mas continuam a pensar na língua A, já previamente adquirida e cognitivamente estabilizada. Em alternativa, reconhecer a necessidade da adopção desta perspectiva cognitiva e cultural contribuirá não só para uma comunicação (quer inter quer intracultural) mais competente, mas poderá também levar a um processo mais efectivo e significativo de aprendizagem das línguas. Nesta linha de investigação, Yu (2007) defende, por exemplo, que, por falta de explicitação dos processos de conceptualização culturalmente motivados que subjazem a uma língua, os conceitos da língua materna são frequentemente *revestidos* verbalmente na língua-alvo, o que pode tornar a produção linguística no idioma novo não só deturpada, como, até, incompreensível. Mesmo que haja circunstâncias em que dois sistemas diferentes possam mostrar algum alinhamento (até pela proximidade tipológica das línguas em questão), em situações em que essa correspondência não se observe, como é frequentemente no caso de culturas muito diferentes (como a chinesa em contraste com a cultura ocidental, por exemplo), é indispensável o desenvolvimento de uma *competência metafórica*, a par de outras competências linguísticas, que permita ao aprendente desenvolver a sua *fluência conceptual*:

As language is embedded in culture (Palmer and Sharifian, [2007]), cultural context is the “physical environment” in which language acquisition takes place. However, first language acquisition and second language acquisition are very different. First language acquisition is “traveling by day”, whereas second language acquisition is “traveling by night”. That is, second language learners have to “feel their way in the dark”. Introducing the cultural context to second language learners is to “set up street lights and road signs” for them so that they can “see” where they are going and “go faster”.

(Yu 2007: 83).

Na secção seguinte, procurar-se-á ilustrar a problemática discutida na presente secção com o caso da conceptualização de emoções e valores nalgumas línguas e culturas, contrastando-os com o caso do Português Europeu.

3. Exemplos de corporização que originam diferentes conceptualizações e instanciações de linguagem metafórica na expressão de emoção em culturas e línguas distintas¹⁰

Na presente secção apresentaremos três grupos de exemplos que ilustram diferentes tipos de conceptualização e corporização, quer física quer cultural, provenientes de diferentes línguas e diferentes culturas. No Exemplo 1, abordamos os aspectos emocionais relativos à sensação de sentir fome; no Exemplo 2, procuraremos demonstrar como as culturas diferentes se referem de modo emocional a uma distância infinitamente pequena; no Exemplo 3, demonstraremos como culturas diferentes conceptualizam a coragem. Os exemplos apresentados terão sempre como a língua-alvo o Português Europeu, no contexto do processo de aquisição/aprendizagem do PLNM, sendo os outros exemplos do Inglês, Polaco e Chinês (estes com base na exemplificação proveniente de Yu 2003).

Exemplo 1: Aspectos emocionais da sensação de sentir fome

Significado (na linguagem do dia-a-dia): estou a morrer de fome e preciso de comer o mais depressa possível.

(1a) Português Europeu: *Tenho a barriga a dar horas.*

(1b) Inglês: *I'm so hungry that I could eat an ox.*

(lit.: “Estou com tanta fome que poderia comer um touro”)

(1c) Polaco: *Zjadłabym konia z kopytami.*

(lit.: “Estou com tanta fome que poderia comer um cavalo com os cascos incluídos”)

Tal como já foi mencionado acima na secção da *Introdução*, quando, no Português Europeu, nos referimos à sensação quotidiana de fome, numa situação coloquial e

¹⁰ Os exemplos apresentados nesta secção encontram-se pormenorizadamente discutidos em Batoréo (2018, no prelo).

emocionalmente marcada, iremos utilizar a expressão corrente ‘*Tenho a barriga a dar horas*’ (ex. 1a). Trata-se de uma expressão quase opaca para quem não conhece a língua, já que é preciso aprender que o português “mede” a sua fome em função da organização tradicionalmente rigorosa das suas refeições tomadas, em regra, a horas certas. Se a refeição não acontece na hora prevista, a barriga – conceptualizada como um contentor responsável pela fome que o falante sente – reage sonoramente através dos ruídos intestinais e gástricos, constituindo estes sons um sintoma da fome e um alerta de que os horários não estão a ser cumpridos. Cria-se, assim, uma cadeia de metáforas e metonímias, que dá origem a *metaftonímia(s)* (no sentido de Goosens 1990). Um falante não-nativo do PLNM, que provém de uma cultura que não dá tanta importância ao cumprimento rigoroso e regular das horas das refeições, não conhece, à partida, esta conceptualização, mas, quando a compreende, sente-a como estranha e “não-natural” por ser diferente da sua conceptualização nativa. Para a aprender, precisa, primeiro, de compreender como ela surge e como é culturalmente motivada para, depois, aprender como ela deve ser utilizada numa expressão figurada, que apresente algum grau de fixidez. Repare-se que os falantes do PLNM, isto é, falantes com línguas maternas diferentes do Português – no ex. (1), ilustradas pelos falantes de Inglês (1b) e Polaco (1c) – precisam de se *reestruturar cognitivamente*, já que, nas suas línguas maternas, as imagens utilizadas em contextos análogos são outras. Enquanto os ingleses (1b) comparam o tamanho da sua fome à sua capacidade de devorar um touro¹¹, um animal culturalmente relevante na sua sociedade, os polacos (1c) fazem-no com a referência ao cavalo – um animal típico da cultura polaca e igualmente grande, mas, em regra, menos pesado e/ ou volumoso do que um touro –,

¹¹ É curioso verificar que, em Português, existe uma expressão que faz referência ao boi, isto é, igualmente a um animal de um grande porte e culturalmente relevante na cultura portuguesa, colocando-a aparentemente mais perto da conceptualização inglesa, em (1b): ‘*Comer um boi inteiro*’. No entanto a semelhança parece ser apenas superficial, porque a expressão tem, tendencialmente, um significado diferente: significa comer demais – como em: ‘*sinto que comi um boi inteiro*’ – e não sentir-se com fome: ‘*estou com tanta fome que comia um boi inteiro*’ (embora esta possibilidade não seja de excluir totalmente num uso criativo da linguagem).

reforçando a comparação da dimensão com a “inclusão” dos cascos do próprio cavalo. Tanto em (1b) como em (1c), as expressões figuradas utilizadas são mais transparentes do que em (1a), pelo que o esforço cognitivo na aquisição/ aprendizagem do PLNM pelos respectivos falantes deve ser ainda maior na reestruturação cognitiva do que, por exemplo, os que envolveriam apenas os casos ilustrados em (1b) e (1c), nos quais a base de conceptualização é a mesma e resulta na projecção metafórica da dimensão de um animal de grande porte bem conhecido numa dada cultura (Domínio de Origem) para o tamanho da fome avaliada emocionalmente (Domínio Alvo). A projecção implica uma série de metáforas e metonímias aparentemente menos complexa do que no caso anterior, o que deverá resultar num menor esforço cognitivo. No entanto, a reestruturação cognitiva não se limita apenas à projecções e mecanismos cognitivos; sendo culturalmente ancorada resulta em transformação e criação de um novo sistema cultural:

[O]ne’s first language, together with its underlying conceptual structure, is acquired within one’s own cultural system, but the learning of a second language involves conceptual restructuring. That is, second language acquisition takes place in the process of transforming into a new cultural system. (Yu, 2007: 78).

Exemplo 2: referência emocional a uma distância infinitamente pequena

Significado (na linguagem do dia-a-dia): “uma coisa aconteceu a uma distância infinitamente pequena”

(2a) Português Europeu: *Por um fio* or *Por um triz*

(2b) Inglês: *By the skin of (one’s) teeth*

(lit. “pela pele dos dentes”)

(2c) Polaco: *O (mały) włos*

(lit.: “pelo (pequeno) cabelo”)

Conforme demonstram os exemplos em (2), quando nos referimos emocionalmente a uma distância infinitamente pequena, costumamos compará-la a um objecto finíssimo, quase inexistente por ocupar pouco espaço, referindo-nos, preferencialmente, a uma parte do corpo humano, tal como acontece, por exemplo, no caso da metáfora criada a partir de um fio de

cabelo. É este o caso do Português Europeu (1a), referindo que uma coisa (não) aconteceu ‘*por um triz*’¹², isto é, que a distância entre o acontecimento e o não-acontecimento é tão exígua como a grossura de um cabelo que separa o que aconteceu do que poderia ter acontecido. A mesma imagem é utilizada em Polaco, conforme ilustrado no exemplo em (1c). Curiosamente, a mesma imagem é também possível em Inglês tanto na expressão ‘*hanging by a thread*’¹³, como em ‘*his life is hanging by a thread*’, o que equivale exatamente à expressão ‘*a vida dele está por um fio*’, no Português Europeu, ou ao Polaco em: ‘*jest o włos od śmierci/ jego życie wisi na włosku*. Todas estas expressões são idiomáticas, possuem um certo grau de fixidez e estão ancoradas na Grécia Antiga¹⁴: daí a sua ocorrência nas culturas europeias influenciadas pela tradição helénica. Acontece, no entanto, que a expressão utilizada no Inglês do dia-a-dia é outra, vem de tradição bíblica¹⁵ e tem a ver com a corporização não da finura de um cabelo, mas do esmalte dos dentes, dando origem à expressão (2b): ‘*the skin of our teeth*’ (lit.: a pele dos nossos dentes). Trata-se da expressão mais opaca das três apresentadas em (2) e que mais esforço cognitivo exige no processo da respectiva aquisição/aprendizagem. Do ponto de vista da conceptualização, partir na conceptualização do espaço da dimensão do esmalte dos dentes, como em (2b), em vez de partir do tamanho de um cabelo, como em (2a) e (2c), implica um maior esforço cognitivo e uma maior reestruturação conceptual do que acontece nos outros casos aqui citados, tanto por razões de carácter cognitivo como por razões de origem cultural. É interessante também observar que, em Português, a par da referência à dimensão ínfima de um cabelo, é igualmente frequente utilizar a expressão ‘*por um fio*’, o que remete não para uma

¹² A palavra ‘*triz*’ da expressão ‘*por um triz*’ provém do Grego Antigo *θρίξ* [thríx], *τρίχός* [trikhós] e significa *cabelo*, mas já não é produtiva no Português Europeu. Esta etimologia é proposta por José Pedro Machado, mas é considerada como controversa. In: <https://pt.wiktionary.org/wiki/triz>.

¹³ Cf. <https://www.englishexperts.com.br/forum/como-dizer-estar-por-um-fio-em-ingles-t7340.html>

¹⁴ Cf. http://www.grammar-monster.com/sayings_proverbs/hanging_by_a_thread.htm
<https://www.englishexperts.com.br/forum/como-dizer-estar-por-um-fio-em-ingles-t7340.html>

¹⁵ A expressão aparece pela primeira vez em Inglês na Bíblia de Genebra (*Geneva Bible*), em 1560, em Job 19:20, sendo uma tradução directa do Hebreu: “*I have escaped with the skinne of my tethe.*” In: <http://www.phrases.org.uk/meanings/83000.html>.

parte do corpo humano, como acontece prototipicamente no caso da corporização, mas para uma actividade humana ancestral, isto é, à tecelagem. Por conseguinte, quer o destaque seja dado à corporização anatómica quer à cultural, tanto em Português Europeu¹⁶ (2a) como em Inglês¹⁷ (2b) e Polaco¹⁸ (2c) ocorrem os mesmos contextos em que as expressões em foco são utilizadas, conforme ilustram os exemplos análogos da linguagem-em-uso em 2A, 2B e 2C, respectivamente, em baixo:

(2A) Português – linguagem-em-uso

- (i) *Consegui chegar cá por um fio/ por um triz.*
- (ii) *Fiz o seminário por um fio/ por um triz.*
- (iii) *Por um triz/ por um fio ela perdeu o avião.*
- (iv) *Ele escapou do incêndio por um triz/ por um fio; ele escapou por um triz/ por um fio de ser atropelado.*

(2B) Inglês – linguagem-em-uso

- (i) *My car wouldn't start this morning. I just made it here by the skin of my teeth!*
(O meu carro não arrancava de manhã. Cheguei por um triz.)
- (ii) *I got through calculus class by the skin of my teeth.*
(Fiz a disciplina por um fio).
- (iii) *I got to the airport a few minutes late and missed the plane by the skin of my teeth.*
(Cheguei atrasada uns minutos ao aeroporto e perdi o avião por um fio).
- (iv) *Lloyd escaped from the burning building by the skin of his teeth.*
(Lloyd fugiu do edifício em chamas por um triz).

(2C) Polaco – linguagem-em-uso

- (i) *O mały włos, a nie przyjechałabym na czas.*
(Por um triz, não teria chegado a tempo).
- (ii) *O mały włos nie zdałabym egzaminu.*
(Por um fio, não passava no exame).
- (iii) *O mały włos uderzyłbym w drzewo, gdy na mój pas wjechał samochód jadący z naprzeciwka.*
(Quando na minha faixa entrou um carro em contramão, por um fio não bati numa árvore).
- (iv) *Wydaje się, że w moim wieku śmierć jest o włos.*
(Parece que, na minha idade, a morte está por um fio).

Example 3: expressão da coragem em culturas diferentes

¹⁶ Cf. <https://www.significados.com.br/por-um-triz/>; <http://www.dicionarioinformal.com.br/por+um+fio/>

¹⁷ Os exemplos ingleses de (i) a (iv) são citados segundo:
<https://idioms.thefreedictionary.com/by+the+skin+of+teeth>

¹⁸ Cf. <http://sjp.pwn.pl/slowniki/o%20w%C5%82os.html>; <https://sjp.pwn.pl/poradnia/haslo/Smierc-jest-o-wlos;16627.html>

Nas diferentes culturas, as pessoas costumam referir-se aos seus heróis como seres de coração corajoso, isto é, conceptualizando o coração como o contentor da coragem, ousadia ou atitude destemida perante o mundo. A própria etimologia da palavra ‘*coragem*’ nas línguas Românicas (e latinizadas, como o Inglês) provém do Latim e demonstra que a tradição linguística reconhece o coração como a “sede” da coragem. Por exemplo, os heróis nacionais britânicos *Braveheart* ou *Richard the Lionheart* trazem esta conceptualização transparente no próprio nome: ‘*ter um coração de leão*’ surge igualmente noutras línguas, inclusive na tradução do nome do rei inglês: por exemplo, em Português (*Ricardo Coração de Leão*) ou Polaco (*Ryszard Lwie Serce*).

No entanto, existem línguas e culturas que corporizam a coragem de um modo diferente. Assim, por exemplo, acontece no caso do Chinês, que conceptualiza o corpo humano de um modo muito diferente do que acontece na cultura ocidental, tendo por base a sua própria filosofia, medicina e astrologia, que interagem nas conceptualizações culturais e criam uma mundividência própria (cf. Yu 2003, 2007 e seguintes; cf. Batoréo 2015 e no prelo). Neste enquadramento, o contentor da coragem encontra-se conceptualizado na vesícula, conforme demonstram os exemplos de (i) a (vi) em (3a), todos eles provenientes de Yu (2003):

(3a) Expressão da coragem em Chinês

(i) *Wu-dan zhi ren shishi nan.*

(without-gall MOD people everything difficult)

“Everything appears difficult to people without gallbladder.”

Significado: as pessoas sem vesícula (*i.e.*, que não são corajosas) consideram tudo difícil.

(ii) *hun-shen shi-dan*

(whole-body is-gall)

“be every inch a hero; be the embodiment of value”

Significado: Se todo o seu corpo for como a vesícula, então pode ser considerado a corporização da coragem.

(iii) *qige-tou bage-dan*

(seven-heads eight-galls)

“extremely bold and not afraid of death”

Significado: Se se sentir com sete cabeças e oito vesículas, é um homem corajoso que não tem medo da morte.

- (iv) *gu-dan yingxiong*
 (single-gall hero)
 “a lone fighter”

Significado: Se tiver só uma vesícula, é um lutador solitário.

- (v) *qun-wei qun-dan*
 (crowd-might crowd-gall)
 “(display) mass heroism and daring”

Significado: Vesículas em massa garantem um desempenho poderoso e heróico.

- (vi) *Hao da de danzi!*
 (how big MOD gall)
 (lit.: How big your gallbladder is!)”
 “What a nerve!”

Significado: Que vesícula enorme! → Que ousadia!

Conforme demonstrado nos exemplos oriundos do Chinês, em (3a), só um indivíduo conceptualizado como portador de vesícula (cf. ex. ii), tendo de preferência um órgão de grandes dimensões (cf. ex. vi), pode ser considerado herói. No entanto, se a conceptualização lhe atribuir só uma vesícula (ex. iv), o desempenho corajoso será solitário, mas várias vesículas reunidas (ex. iii e v) levá-lo-ão a manifestar maior força e a contribuir para o desempenho poderoso e ousado de massas. Se, pelo contrário, a conceptualização implicar a falta de vesícula num indivíduo (cf. ex. i), não se pode esperar da parte dele uma demonstração de acções destemidas ou com ousadia. Em todos estes casos, a linguagem utilizada é metafórica (numa cadeia de metáforas e metonímias); o corpo humano saudável não pode ser descrito nem como sendo desprovido de uma vesícula, nem como possuindo mais do que um órgão, nem ainda como tendo uma vesícula desproporcionada.

Tendo em conta a análise do exemplo (3a) em cima, é fácil de perceber que, no processo da aquisição/aprendizagem do PLNM, a falta de referência à vesícula – um órgão interno por regra silenciado na linguagem figurada da cultura ocidental – causa estranheza a um aprendente chinês, que, na sua língua materna, o refere quando fala de indivíduos corajosos e/ou ousados. Esta falta provoca não só um esforço cognitivo da parte do aprendente, mas também exige uma reestruturação conceptual, reorientando o falante para um órgão do corpo diferente, específico

e utilizado no mesmo tipo de contexto numa língua e cultura diferentes. Neste caso, o falante chinês do PLNM precisa de reestruturar a sua corporificação da vesícula para o coração, ou, eventualmente, um outro órgão entendido como a sede da coragem, aprendendo as construções fixas que permitem o seu adequado emprego figurado.

No entanto, existe mais um factor que precisa de ser tomado em consideração no contexto da LNM: trata-se da importância do registo utilizado num dado contexto. Muitas das línguas ocidentais (por exemplo, as Línguas Românicas, Germânicas ou Eslavas) conceptualizam a coragem, fazendo, para tal, referência aos órgãos sexuais (prototipicamente, masculinos) ou, eventualmente, às próprias entranhas do corpo humano, tal como ilustrado, em baixo, nos exs. (3b). Como estas referências são consideradas tabu do ponto de vista cultural, o único registo que as aceita é o popular ou mesmo o calão.

(3b) Expressão de coragem em algumas línguas da cultura ocidental (exemplos da linguagem popular)

(i) PE *Ter tomates*
p. ex., *É preciso ter tomates para falar com um almirante desta maneira!*

(ii) Inglês *Have the guts*
(Lit. “ter entranhas”)¹⁹
p. ex., *Does he have the guts to dive off the highboard?*
(Será que ele tem entranhas para se atirar da prancha para baixo?)

Have the balls
(Lit. “Ter bolas”)²⁰
p. ex., *You don't even have the balls to ask for a girl's number.*
(Nem sequer tens bolas para pedir o número à rapariga).

(iii) Polaco *Miec jaja*
(Lit.: “ter ovos”)
p. ex. *Co to znaczy mieć jaja, czyli rzecz o męskiej odwadze.*
(O que significa ter ovos ou um tratado sobre a coragem masculina).

¹⁹ É curioso verificar que, no Português Europeu, num registo popular, existe também a expressão ‘*fazer das tripas coração*’, numa clara referência às entranhas humanas. No entanto, o significado desta expressão não corresponde à manifestação da coragem – tema que está aqui em análise – mas ao esforço sobrehumano com que nos empenhamos (que nem sempre resulta da valentia, ousadia, bravura ou coragem).

²⁰ A referência à bola como metáfora do testículo funciona também em Português, por exemplo na interjeição ‘*Bolas!*’

De modo análogo ao que acontecia nos exemplos da *vesícula* em (3a), relativos a uma cultura oriental, em (3b), reunimos uma série de exemplos provenientes de algumas culturas ocidentais (aqui: portuguesa, em (i), inglesa, em (ii) e polaca, em (iii)). Estas culturas, apesar de considerarem tabu falar explicitamente dos órgãos sexuais – remetendo esta referência explícita apenas para os registos específicos (científicos, por um lado, e marginais, por outro) – usam a corporização e criação de metáforas dos órgãos sexuais – como se observa, por exemplo, no caso dos testículos – no registo popular e/ou informal, para referir o contentor onde se conceptualiza a coragem. Assim, e na extensão dos exemplos em (3b), uma pessoa²¹ sem coragem é referida na cultura ocidental como aquela que não possui *entranhas* (ex. ii), *tomates* (ex. i), *bolas* (ex. ii) ou *ovos*²² (iii). Em todos estes casos, a referência é feita, directamente, a *entranhas* ou, metaforicamente, a testículos, sendo estes corporizados como objectos redondos usados no dia-a-dia (*bolas*) ou, em particular, os que fazem parte da alimentação (*tomates*, *ovos*), sendo sempre culturalmente enraizados e partilhados. No caso de um falante não-nativo destas línguas (p. ex. um chinês) que quer aprender uma língua nova, a reestruturação cognitiva terá de ser feita por substituição da projecção metafórica que tem o seu Domínio de Origem na *vesícula*, por uma referência de origem a *entranhas*, *ovos*, *tomates* ou *bolas*, com a restrição obrigatória para o registo em que as respectivas referências podem ser feitas.

4. Discussão e considerações finais

No presente estudo, pretendemos abordar a noção da *competência metafórica*, definida como a capacidade de entender e usar os mecanismos cognitivos como as metáforas ou metonímias conceptuais numa determinada língua particular, tal como elas surgem

²¹ Por regra, trata-se de uma referência feita aos homens e só por extensão às mulheres, já que, tradicionalmente, a demonstração da coragem dizia respeito apenas aos homens.

²² É curioso observar que, em Castelhana (comunicação pessoal), a referência a ovos (*'tener huevos'*) é feita apenas no caso de homens, enquanto, no caso da coragem feminina, a referência é feita directamente ao respectivo órgão sexual feminino: *'tener ovarios'*. Por contraste, em Polaco, que também utiliza a metáfora do *ovo*, a referência é feita tanto à coragem masculina como feminina.

naturalmente na linguagem quotidiana, conforme inicialmente proposto por Danesi (1993) e, mais recentemente, defendido por vários outros autores (cf. Shirasi & Talebinezhad 2013; Doiz & Elizari; Aleshtar & Dowlatabadi 2014). Esta noção foi contextualizada no processo de aquisição/ aprendizagem de uma língua nova (p. ex., a do PLNM), sendo um foco específico dado ao fenómeno da *reestruturação conceptual* (cf. Yu 2007).

A fim de podermos comunicar numa língua nova com proficiência, além de dispormos das competências tradicionalmente reconhecidas – tais como a(s) linguísticas e a comunicativa – é indispensável trabalhar a competência metafórica, fazendo-o de um modo fluente e conceptualmente apropriado, demonstrando *fluência conceptual*.

No caso presente, o estudo da competência metafórica centrou-se na análise da conceptualização efectuada na transmissão das emoções na comunicação quotidiana, no caso (i) da expressão da sensação da fome, (ii) da expressão das distâncias abstractas infinitamente pequenas ou (iii) da conceptualização da coragem. A análise foi efectuada por meio do conceito de *corporização (embodiment)*, largamente estudado quer a nível fisiológico quer cultural (cf. Sinha & López 2004; Sharifian 2015), demonstrando que, por exemplo, a cultura chinesa (cf. estudos de Yu 1995 e subsequentes) realiza a corporização em função das crenças e convicções milenares da respectiva mundividência, construída com base na filosofia, medicina e tradição locais, de um modo muito diferente do da cultura genericamente conhecida como cultura ocidental. O facto de um órgão como a vesícula ser conceptualizado como contentor da coragem é acolhido com estranheza na cultura ocidental pelo seu carácter visceral, relativo às “entranhas” do corpo, que, nesta tradição, ficam habitualmente silenciadas pelos tabus culturais e linguísticos. Pelo contrário, a cultura ocidental, que não verbaliza a referência aos órgãos sexuais (a não ser em situações de uso específico polarizado, por exemplo, na linguagem científica e no calão), dispõe de registos populares em que esta referência é feita pela

metaforização dos órgãos sexuais com recurso à corporização de objectos redondos de uso diário, tal como, por exemplo, alguns alimentos de formas arredondadas.

Apesar da conhecida ubiquidade da metáfora O CORPO É O CONTENTOR DAS EMOÇÕES, a exemplificação apresentada demonstra que as línguas diferentes conceptualizam as emoções de modos efectivamente diferentes. Assim sendo, a experiência que temos do nosso corpo pode apenas indicar aproximadamente a orientação que o processo cognitivo assume na construção das metáforas emocionais. No entanto, a relação que uma dada língua constrói e as projecções que cria entre alguns órgãos (e não outros) e os contentores das diferentes emoções é determinada pelos modelos culturais que os falantes de uma dada comunidade linguística e cultural partilham e transmitem de geração em geração, utilizando para tal linguagem figurada.

A variação existente na localização das emoções observada nas línguas de culturas particulares precisa de ser “descoberta” e estudada conscientemente pelos falantes não-nativos que aprendem uma língua nova, a fim de garantir a respectiva fluência conceptual no uso correcto da linguagem figurada. Nesta aprendizagem o que deve ser destacado com particular ênfase não é apenas a respectiva estrutura típica de um dado sistema linguístico ou os rótulos que idiomas diferentes dão aos mesmos conceitos; o que importa, sobretudo, é perceber como um dado povo conceptualiza o mundo na língua e na tradição moldada por séculos de história e intercâmbio cultural. Esta compreensão e aprendizagem são indispensáveis para os falantes não-nativos se poderem *reestruturar cognitivamente* e não apenas revestir os conceitos da sua língua materna com as construções linguísticas e material lexical da língua em aprendizagem.

Defendemos, por conseguinte, que a competência metafórica, sendo ancorada e partilhada culturalmente, desempenha um papel fundamental no processo da aquisição/ aprendizagem da linguagem, determinando a proficiência, fluência e adequação linguísticas dos falantes das línguas novas. Esta proficiência, entendida no sentido mais vasto, deve construir-se em função da interacção dos elementos existentes do trinómio Cognição – Linguagem – Cultura.

Bibliografia

- Aleshtar, M. T. & Dowlatabadi, H. (2014). Metaphoric Competence and Language Proficiency in the Same Boat. *Procedia – Social and Behavioral Sciences* 98 (2014) 1895-1904.
- Batoréo, H. (2015). Competência metafórica e Linguística Cultural: Exemplo de conceptualização de emoções em Chinês e na cultura ocidental (Metaphorical competence and Cultural Linguistics: examples of conceptualizing emotions in Chinese and occidental cultures). *Revista Investigações*, Universidade Federal de Pernambuco, v. 28, n. 2, Jul. 2015. 1-28.
- <http://www.repositorios.ufpe.br/revistas/index.php/INV/article/view/1695/1421>
- Batoréo, H. (2017a). Metaphorical Competence in Multilingual Context of Language Acquisition and Learning. Ms. Presented at: ICMME 2017 - *International Conference on Multilingualism and Multilingual Education*, University of Minho, Braga, 11-13 May 2017.
- Batoréo, H. (2017b). Metaphorical Competence and Cultural Linguistics: Why is it important for a multilingual speaker to be conceptually appropriate while expressing emotions in different languages? Ms. Presented at: *Rhetoric Discourse and the Communicative-Dialogical Mind*, Lisbon, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 7-9 June, 2017.
- Batoréo, H. (2018, no prelo). Metaphorical Competence in Multilingual Context of Language Acquisition and Learning. *Psychology of Language and Communication Special Issue: In Honor of Professor Barbara Bokus. Developmental Psycholinguistics: Old Questions, New Answers*.
- Boers, F. (2001). Remembering figurative idioms by hypothesising about their origin. *Prospect*, 16 (3), 5-43.

- Boers, F., Demecheleer, M., & Eyckmans, J. (2004). Etymological elaboration as a strategy for learning idioms. In P. Bogaards & B. Laufer (Eds.), *Vocabulary in a Second Language* (pp. 53–77). Amsterdam: John Benjamins.
- Boers, F., Eyckmans, J., & Stengers, H. (2007). Presenting figurative idioms with a touch of etymology: more than mere mnemonics? *Language Teaching Research*, 11(1), 43–62.
- Croft, W. & Cruise, D. A. (2004). *Cognitive Linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Dancyngier, B. & Sweetser, E. (2015). *Figurative Language*, Cambridge: Cambridge University Press.
- Danesi, M. (1992). Metaphorical competence in second language acquisition and second language teaching: The neglected dimension. In: J. E. Alatis (Ed.), Georgetown University Round Table on Languages and Linguistics (pp. 125-136). Washington D. C.: Georgetown University Press.
- Danesi, M. (1993). Metaphorical competence in second language acquisition and second language teaching: The neglected dimension. In J. E. Alatis (Ed.), *Language, Communication and Social Meaning* (pp. 489–500). Washington, DC: Georgetown University Press.
- Danesi, M. (1995). Learning and teaching languages: the role of conceptual fluency. *Applied Linguistics* 5 (1), 3-20.
- Doiz, A. and Elizari, C. (2013). Metaphoric competence and the acquisition of figurative vocabulary in foreign language. *ELIA – Estudios de Lingüística Inglesa Aplicada*, 13, 2013, 47-82.
- Gibbs, R. W. (1994). *The poetics of mind: Figurative language, thought and understanding*. New York: Cambridge University Press.

- Gibbs, R. W. (ed.) (2008). *The Cambridge Handbook of Metaphor and Thought*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Gibbs, R. W., & Colston, H. (2012). *Interpreting Figurative Meaning*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Goossens L. 1990. 'Metaphonymy: the interaction of metaphor and metonymy in expressions for linguistic action' *Cognitive Linguistics* 1(3): 323–342.
- Kövecses, Z. (1990). *Emotion Concepts*. Springer-Verlag.
- Kövecses, Z. (2005). *Metaphor in Culture: Universality and variation*. Cambridge: CUP.
- Lakoff, G. & Johnson, M. (1980). *Metaphors we live by*. Chicago: University of Chicago Press.
- Palmer, G. & Sharifian, F. (2007). Applied Cultural Linguistics: An emerging paradigm". In: Sharifian, F. & Palmer, G. (eds.). (2007). *Applied Cultural Linguistics: Implications for Second Language Learning and Intercultural Communication*, Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins, 1-14.
- Sharifian, F. (2010). Cultural conceptualizations in intercultural communication: a study of Aboriginal and non-Aboriginal Australians. *Journal of Pragmatics*, 42, 3367-3376.
- Sharifian, F. (2011). *Cultural Linguistics*. Inaugural Professorial Lecture, Professor Farzad Sharafian, School of Language, Cultures, and Linguistics, Language and Society Centre, Monash University.
http://monash.academia.edu/ProfessorFarzadSharifian/Papers/611702/Cultural_Linguistics_Farzad_Sharifians_Inaugural_Professorial_Lecture
- Sharifian, F. (2015). Cultural Linguistics. In F. Sharifian (ed.) (2015). *The Routledge Handbook of Language and Culture*. Oxford: Routledge. 473-493.
- Sharifian, F. and G. B. Palmer, (eds.). (2007). *Applied cultural linguistics: Implications for second language learning and intercultural communication*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.

- Sharifian, F.; R. Dirven, N. Yu & S. Niemeier, S. (eds.). (2008). *Culture, body, and language: Conceptualizations of internal body organs across cultures and languages*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 45-74.
- Shirazi, M. G. and M. R. Talebinezhad (2013). Developing Intermediate EFL Learners Metaphorical Competence through Exposure. *Theory and Practice in Language Studies*, Jan. 2014, Vol. 3, N° 1, 135-141.
- Sim-Sim, Inês (1998). *Desenvolvimento da Linguagem*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Sinha, Ch. and Kristine Jensen de López (2004). Language, Culture and the Embodiment of Spatial Cognition, *Cognitive Linguistics*, 11: 17-41.
- Yu, N. (1995). Metaphorical Expressions of Anger and Happiness in English and Chinese. *Metaphor and Symbolic Activity*, 10 (2). 59–92.
- Yu, N. (1998). *The Contemporary Theory of Metaphor: a perspective from Chinese*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company.
- Yu, N. (2003). Metaphor, Body, and Culture: The Chinese Understanding of Gallbladder and Courage. *Metaphor and Symbol*, 18 (1), 13–31.
- Yu, N. (2007). The Chinese Conceptualization of the Heart and its Cultural Context. Implications for second language learning. In F. Sharifian & G. B. Palmer (Eds.) *Applied cultural linguistics: Implications for second language learning and intercultural communication*. Amsterdam: John Benjamins, 65-86.
- Yu, N. (2008a) Metaphor from Body and Culture. In R. W. Gibbs, Jr. (Ed.), *The Cambridge Handbook of Metaphor and Thought*. 247-261. Cambridge: Cambridge University Press.
- Yu, N. (2008b). The Chinese Heart as the Central Faculty of Cognition. In F. Sharifian, R. Dirven, N. Yu & S. Niemeier (Eds.), *Culture, Body, and Language: Conceptualizations of Internal Body Organs across Cultures and Languages*. 131-168. Berlin: Mouton de Gruyter

Yu, N. (2009). *From Body to Meaning in Culture*. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins Publishing Company.

Sites de expressões linguísticas:

Em Inglês

<https://www.merriam-webster.com/dictionary/courage>

<https://www.englishexperts.com.br/forum/como-dizer-estar-por-um-fio-em-ingles-t7340.html>

<http://www.dictionary.com/browse/have-the-guts>

<http://www.phrases.org.uk/meanings/83000.html>

<https://idioms.thefreedictionary.com/by+the+skin+of+teeth>

Em Português

<http://www.urbandictionary.com/define.php?term=have%20the%20ball>,

<https://pt.wiktionary.org/wiki/triz>.

<http://www.dicionarioinformal.com.br/ter%20est%C3%B4mago/>

<http://www.dicionarioinformal.com.br/por+um+fio/>

<https://www.significados.com.br/por-um-triz/>

Em Polaco

<http://www.szkołajcostwa.pl/artykuly/meska-odwaga/>

<http://sjp.pwn.pl/slowniki/o%20w%C5%82os.html>;

<https://sjp.pwn.pl/poradnia/haslo/Smierc-jest-o-wlos;16627.html>